

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

CÍCERA JENISCLÉIA DOS SANTOS CARVALHO

**A ORALIDADE COMO ATIVIDADE INTRÍNSECA AO ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

**PICOS-PI
2019**

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

C331o Carvalho, Cícera Jenisléia dos Santos

A oralidade como atividade intrínseca ao ensino de Língua Portuguesa / Cícera Jenisléia dos Santos Carvalho. Picos – 2018.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (19 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.

Orientador(A): Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros

1. Oralidade-Ensino. 2. Competência Comunicativa. 3. Letramento. I. Título.

CDD 808.51



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cicero Duarte N° 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Às 16:40 horas do dia 21 de junho do ano de dois mil e dezoito, na sala 815, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos – PI, sob a presidência do Prof. Luiz Egito de Souza Barros, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia de autoria do aluno Cleora Jeniseleia dos Santos Carvalho do curso de Letras desta Universidade com o título.

A validade como atividade intrínseca ao ensino de Língua Portuguesa. A Banca Examinadora ficou assim constituída: Prof. Luiz Egito de Souza Barros (orientador –presidente), Prof. Luciana Maria de Aguiar (1º examinador) e Prof. Juscelino Francisco do Nascimento (2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação do aluno pelo Presidente da banca, ocorreu a apresentação da monografia, seguido de questionamentos pelos membros da banca; finalizando, foram sugeridas algumas modificações e correções. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo o aluno obtido às seguintes notas: 9,0 (nove) (EXTENSO); 9,0 (nove) (EXTENSO) e 9,0 (nove) (EXTENSO). Apuradas as notas verificou-se que o aluno foi aprovado com média geral 9,0 (nove) (EXTENSO). E para constar, eu, Luiz Egito de Souza Barros, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 21 de junho de 2018.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Luiz Egito de Souza Barros
Presidente

Luciana Maria de Aguiar
1º examinador

Juscelino Francisco do Nascimento
2º examinador

A ORALIDADE COMO ATIVIDADE INTRÍNSECA AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Cícera Jeniscléia dos Santos Carvalho¹

Luiz Egito de Souza Barros²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo pesquisar a presença de atividades voltadas para a oralidade no ensino de língua portuguesa, além de apresentar a relevância da oralidade para a formação sócio comunicativa do aluno, propiciando ao aluno a oportunidade de formar-se um cidadão linguisticamente competente, capaz de valer-se da língua em todas as suas necessidades, seja de forma oral ou escrita. Que os alunos já chegam à escola falando nós sabemos, assim como sabemos que a sua função da escola é ensinar a escrita e o oral cultos. Foi realizada uma pesquisa qualitativa com aplicação de questionários aos alunos e à professora da turma do 9º ano “A” da Escola Santa Filomena em Francisco Santos – PI. A coleta de dados ocorreu no mês de maio de 2018. Participaram da pesquisa uma professora e 23 alunos, após autorização prévia da escola e consentimento de todos os sujeitos da pesquisa. A análise se deu de forma comparativa entre as respostas dos alunos, da professora e da observação em sala de aula, além de ser contrastada com o que diziam os teóricos a respeito. Dentre os autores em que se baseia a pesquisa, destacam-se: Marcuschi (1997, 2001, 20007), Antunes (2003), Travaglia (2009), Sobral (2005), Brasil (2016), Bakhtin (2000), Fishman (1972), Bentes (2010), Camacho (1978) e outros. Através da análise dos questionários e da observação em sala de aula pode-se constatar que não há atividades voltadas à modalidade oral da língua, a professora confunde a oralidade com oralização e os alunos nem sequer já tinham ouvido falar sobre a oralidade.

Palavras-chave: Oralidade. Ensino. Competência comunicativa. Letramento.

1- INTRODUÇÃO

O bom uso da linguagem oral assim como da modalidade escrita torna-se cada vez mais necessário à vida nas sociedades letradas. Por isso as escolas devem oferecer aos alunos a oportunidade total de letramento para que estes saiam da escola cidadãos linguisticamente competentes e com discursos socialmente relevantes. Por conseguinte, esta pesquisa envereda por uma investigação sobre o trabalho com a oralidade no ensino fundamental na Unidade Escolar Santa Filomena.

¹ Aluna regularmente matriculada no curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: jeniscléiafs@outlook.com

² Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor da UFPI, Campus Senador Helvécio Nunes de Barros-PI. E-mail: luzegi@yahoo.com.br

O objetivo deste trabalho é investigar se de fato existem atividades destinadas ao ensino da oralidade nas aulas de língua portuguesa e quais são essas atividades, e se há um tempo reservado a essas atividades. Além de procurar apresentar a relevância do ensino da modalidade oral da língua portuguesa na formação do cidadão linguisticamente competente e com discurso relevante como foi citado acima.

Dentre os teóricos que embasaram a pesquisa se encontram: Marcuschi (1997, 2001, 20007), Antunes (2003), Travaglia (2009), Sobral (2005), Brasil (2016) Bakhtin (2000), Fishman (1972), Bentes (2010), Camacho (1978) e outros. O interesse pelo objeto de pesquisa veio por meio de leituras de textos que discorriam sobre esse tema e, sobretudo, pela relevância da oralidade para a formação de cidadãos críticos, reflexivos e letrados, já que o bom uso da oralidade constitui fator principal no desenvolvimento da competência comunicativa do aluno.

Segundo Marcuschi e Dionísio (2007, p.52), “A competência comunicativa em situações de letramento ou oralidade é muito mais do que uma habilidade de uso da língua e depende de muitas outras condições importantes”. A Base nacional comum curricular (BNCC) diz que

O letramento escolar dialoga com um conjunto diversificado de práticas de leitura, de escrita e de oralidade. A meta do trabalho com a Língua Portuguesa, ao longo da Educação Básica, é a de que crianças, adolescentes, jovens e adultos aprendam a ler e desenvolvam a escuta, construindo sentidos coerentes para textos orais e escritos; e a escrever e a falar, produzindo textos adequados a situações de interação diversas, apropriando-se de conhecimentos linguísticos relevantes para a vida em sociedade. (BRASIL, 2016, p.87).

Geralmente podemos observar que há um certo descaso no que tange ao trabalho com a oralidade em sala de aula, talvez porque, como bem fundamenta Marcuschi, trazemos traços do ensino tradicional baseado unicamente na teoria estruturalista de Saussure, que desprezava a fala e foca apenas na estrutura da língua, o que fundamenta grande parte da gramática normativa.

No que se refere à realidade em relação ao ensino da oralidade, podemos concordar com Marcuschi (2001, p. 19), quando este diz que “Há uma quase omissão da fala como objeto de exploração no trabalho escolar”; essa omissão, para Antunes (2003), pode ter como explicação a crença ingênua de que os usos orais da

língua estão tão ligados à vida de todos nós que nem precisam ser matérias de sala de aula. Marcuschi e Dionísio (2007, p.8) ainda afirmam que:

A escola não vai ensinar a língua como tal, e sim usos da língua em condições reais e não triviais da vida cotidiana. Em si não haveria necessidade de justificar o trabalho com a oralidade em sala de aula, pois parece natural que isso deva ocorrer. O espantoso é que se tenha demorado tanto para chegar a esse reconhecimento. O que deveria ser explicado é o escândalo da ausência, e não a estranheza da presença do trabalho com a oralidade na sala de aula, ao lado do trabalho com a escrita.

Temos uma visão da fala como algo desleixado e que não precisa ser trabalhada, porque os alunos já chegam à escola sabendo falar, mas e quanto a competência de discernir onde e como falar? Em determinada ou em todas as situações, sejam elas formais ou não? Como discorre Antunes (2003, p.25),

Por haver uma equivocada visão da fala e falta do ensino da oralidade em sala de aula, não se distinguem, portanto, as situações sociais mais formais de interação que vão, inevitavelmente, condicionar outros padrões de oralidade que não o coloquial.

O ensino de língua portuguesa deve ir além do ensino da gramática, ou de leituras breves e até mesmo da escrita, o ensino da língua portuguesa deve também abranger a discussão e reflexão do uso dessa língua em suas múltiplas facetas. Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Ao longo da Educação Básica, a área de Linguagens deve propiciar aos/às estudantes aprendizagens relativas à expansão das possibilidades de uso das práticas de linguagem, com vistas a ampliar suas capacidades expressivas, à compreensão de como se estruturam as manifestações artísticas, corporais e linguísticas e ao reconhecimento de que as práticas de linguagem são produtos culturais e estruturam as relações humanas. (BRASIL 2016, p.86)

Um ensino de língua portuguesa que propicie ao aluno integrar-se totalmente à comunidade linguística na qual está inserida, manifestando-se através de uma linguagem adequada para a situação e propósito comunicativos no qual está vivenciando.

2- CAMINHO METODOLÓGICO

Este trabalho é de cunho bibliográfico e pesquisa de campo; tem como universo da pesquisa a Unidade Escolar Santa Filomena, situada na Rua Cristo Rei, Centro, Francisco Santos-PI. São sujeitos da pesquisa os alunos do 9º ano “A” e a professora de língua portuguesa. Questionários aplicados ao alunado e à professora, além de observação na sala de aula formam os instrumentos da pesquisa. Segundo Gil (2007, p. 17), pesquisa é definida como:

(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

Os questionários foram aplicados na tarde do dia 09 de maio de 2018, com prévio conhecimento da gestão da escola, tendo em vista que em nada prejudicaria o bom andamento da aula. O questionário dos alunos se compõe de seis questões subjetivas e o da professora, de sete questões, também subjetivas. Responderam aos questionários 23 alunos, nenhum aluno faltou naquele dia. A análise dos dados obtidos foi feita de modo a comparar as respostas dadas pelos alunos com a resposta dada pela professora. Foi comparada também a prática pedagógica observada em sala de aula com o que a professora manifestou em sua resposta. Por fim, foi feito um paralelo entre esses dados e a teoria de autores como Antunes (2003), Marcuschi (1997, 2001, 2007), Travaglia (2009), Sobral (2005), Brasil (2016), Bakhtin (2000), Fishman (1972), Bentes (2010), Camacho (1978) entre outros; relacionados ao assunto e dentro de uma perspectiva qualitativa, ou seja, que busca uma análise mais aprofundada, não se baseia somente nos questionários em si, mas na observação do comportamento dos alunos e professores no momento da pesquisa.

Para Lakatos e Marconi (2010, p. 21-22) a pesquisa qualitativa “[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”.

3-ORALIDADE COMO PERCURSO PARA A COMPETÊNCIA COMUNICATIVA

Quando se trata de oralidade, é indispensável aquilo que fala Marcuschi (1997): “A oralidade como prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Ela será sempre a porta de nossa iniciação à racionalidade”. Destarte, há uma necessidade urgente de melhor conhecermos e explorarmos aquilo que aprendemos de modo natural, que é a nossa língua. Bakhtin (2000, p. 301) afirma que:

A língua materna – a composição de seu léxico e sua estrutura gramatical - não aprendemos nos dicionários e nas gramáticas, nós a adquirimos mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam.

O ensino de língua materna, que está sendo analisado no presente trabalho, prevê o domínio de ambas modalidades linguísticas. O propósito desta pesquisa não é diminuir a importância da modalidade escrita, mas antes denunciar a negligência em relação à modalidade oral, pois fazer uso da língua não é tão somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). A linguagem é, pois, um lugar de interação. Travaglia discute esses aspectos da linguagem em seus textos.

Travaglia (2009) faz uma relevante discussão sobre o ensino da língua. Ele relata sobre o problema enfrentado por alguns professores de língua portuguesa, uma visão que o leva a questionar para que se dá aula de uma língua para os seus falantes? (TRAVAGLIA, 2009, p. 17). Dentre as respostas citadas pelo autor, ele apresenta a importância desse ensino como lugar de desenvolvimento da competência comunicativa dos usuários da língua. É neste ponto da discussão que queremos desenvolver o presente trabalho: O uso da oralidade como fator principal no desenvolvimento dessa competência comunicativa como já foi dito na introdução deste trabalho. Mais do que saber escrever um bom texto, usando a pontuação correta ou bem estruturada, mais do que ler corretamente as palavras e entender o que dizem naquele contexto, o aluno deve ser capaz de fazer aquilo que Marcuschi chama de retextualização, que é uma proposta de transformação do texto na modalidade oral para a modalidade escrita e vice-versa, analisando os processos que fazem uma espécie de adaptação ou tradução de uma modalidade para outra.

A competência comunicativa é caracterizada por possibilitar ao falante, cada vez mais, um maior número de recursos da língua de forma adequada a cada

situação de interação comunicativa; Camacho (1978, p.17) confirma destacando que:

Os falantes adequam suas formas de expressão às finalidades específicas de seu ato enunciativo, sendo que tal adequação decorre de uma seleção dentre o conjunto de forma que constitui o saber linguístico individual, de modo mais ou menos consciente.

Portanto há uma seleção daquilo que será dito e como o será, mesmo por parte daqueles falantes que não frequentaram a escola, no entanto eles só o podem fazer dentro da sua realidade e respeitando suas limitações. A esse respeito, Fishman (1972, p.29) destaca que os membros de qualquer comunidade “adquirem lenta e inconscientemente as competências comunicativas e sociolinguísticas, com respeito ao uso apropriado da língua”.

Travaglia (2009, p. 10) ainda afirma que a competência comunicativa gera melhor qualidade de vida aos falantes, pois os mesmos conseguem se mover de maneira mais adequada e suficiente na sociedade onde estão inseridos. Queremos, ou melhor, devem-se propiciar em nossas escolas, atividades de ensino/aprendizagem que permitam aos alunos se prepararem para a vida e não somente para uma avaliação e obtenção de uma nota. Não é novidade para nós a importância da comunicação através da linguagem ao longo da história da humanidade. Dessa forma iniciou-se a busca por maior conhecimento e aperfeiçoamento dessa linguagem, até a termos como disciplina hoje em todas as escolas. Porém, muito ainda precisa ser feito para alcançar essa competência.

Sobral (2005, p.24), ao tratar do sujeito em Bakhtin, faz a seguinte afirmação: “Quando diz algo, o sujeito sempre diz de uma dada maneira dirigindo-se a alguém, e o ser desse alguém interfere na própria maneira de dizer, na escolha dos próprios itens lexicais. Dizer é dizer-se”. No entanto, é por meio de um novo olhar sobre o ensino de língua portuguesa que se deve inserir na sala de aula os gêneros orais e não mais “descartar” se assim podemos dizer, o trabalho com a oralidade, certamente trará diversos “frutos” quanto a competência linguística exigida de nós pela sociedade. A escola além de exigir deve nos proporcionar o alcance dessa competência, deve ser o local primordial onde isso ocorre, segundo Bentes (2010, p. 137),

[...] deve-se não apenas dar oportunidade aos alunos de observarem e de analisarem determinadas práticas orais, como também deve fornecer os contextos, as motivações e as finalidades para o exercício de diferentes oralidades, na sala de aula e fora dela.

Magalhães e Mendonça (2012) escrevem sobre o quanto de lacuna a escola apresenta na formação linguística dos alunos, pois está centrada na perspectiva da dicotomia, considerando fala e escrita como duas “línguas diferentes”; na superioridade da escrita e na falta de significado da aprendizagem da oralidade. Elas continuam afirmando que não podemos esquecer de analisar, na oralidade, a significação produzida por elementos prosódicos como o ritmo, a entonação, as pausas, as hesitações, as repetições, os alongamentos e por elementos não-verbais como os gestos, as expressões faciais, o riso, o olhar, os movimentos corporais que acompanham a fala, que têm papel fundamental na interação face a face.

Algumas das competências que são esperados dos alunos que adentram o processo de estudo com a oralidade afim de se tornarem falantes competentes, linguisticamente falando, são por exemplo: a ampliação progressiva do conjunto de conhecimentos discursivos, semânticos e gramaticais envolvidos na construção dos sentidos do texto; reconhecer a contribuição dos elementos não-verbais (gestos, expressões faciais, postura corporal); utilizar a linguagem escrita, quando for necessário, como apoio para registro, documentação e análise.

Também como ampliar a capacidade de reconhecer as intenções do enunciador, sendo capaz de aderir a ou recusar as posições ideológicas sustentadas em seu discurso; planejar a fala pública usando a linguagem escrita em função das exigências da situação e dos objetivos estabelecidos; considerar os papéis assumidos pelos participantes, ajustando o texto à variedade linguística adequada; saber utilizar e valorizar o repertório linguístico de sua comunidade na produção de textos; monitorar seu desempenho oral, levando em conta a intenção comunicativa e a reação dos interlocutores e reformulando o planejamento prévio, quando necessários; considerar possíveis efeitos de sentido produzidos pela utilização de elementos não verbais.

Em relação a essas competências a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) escreve sobre o eixo da oralidade/sinalização e o que ela compreende:

- 1) a produção de gêneros orais, considerando-se aspectos relativos ao planejamento, à produção e à avaliação das práticas realizadas em situações de interação sociais específicas;
- 2) a compreensão de gêneros orais, que envolve o exercício da escuta ativa, voltado tanto para questões relativas ao contexto de produção dos textos, quanto para a observação das estratégias discursivas e dos recursos linguísticos mobilizados;
- 3) as relações entre fala e escrita, levando-se em conta o modo como as duas modalidades se articulam nas práticas de linguagem, as semelhanças e as diferenças entre modos de falar e de registrar o escrito e os aspectos sociodiscursivos, composicionais e linguísticos;
- 4) a oralização do texto escrito, considerando-se as situações sociais em que tal tipo de atividade acontece e os aspectos envolvidos, como as entonações de voz, movimentos do corpo, dentre outros;
- 5) as tradições orais e seus gêneros, considerando-se as práticas sociais em que tais textos surgem e se perpetuam, bem como os sentidos que geram. (BRASIL 2016, p. 97).

Dentro desse contexto vale ressaltar também a importância da escuta, sobre isso Antunes (2003) escreve: uma oralidade orientada para desenvolver a habilidade de escutar com atenção e respeito os mais diferentes tipos de interlocutores – A atividade receptiva de quem escuta o discurso do outro é uma atividade de participação, de cooperação em vista da própria natureza interativa da linguagem. Não há interação se não há ouvinte. P.105

Em suma, percebemos durante o texto toda a complexidade do ensino de língua portuguesa, uma vez que o ensino da oralidade se reflete em todas as esferas de saber do aluno, tanto dentro, com uso dos gêneros orais, como fora da escola na comunicação usual do aluno enquanto ser comunicativo.

4 ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS OBTIDOS

A seguir analisaremos as respostas da professora e dos alunos do 9º ano “A” da escola municipal Santa Filomena. A pesquisa foi realizada apenas com uma professora. Para nos referirmos aos alunos, utilizamos grupo “A” (14 alunos), para os que afirmam haver atividades de oralidade em sala de aula, e grupo “B” (09 alunos) para os que disseram que não há atividades orais na aula de língua portuguesa

4.1- ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS

Quando questionados se havia atividades relacionadas à oralidade em sala de aula, houve uma divergência entre os alunos, no entanto a maioria (14 de 23) disse que sim e formam o grupo “A”, como descrito acima. Os demais (09 alunos) disseram que não e compõe o grupo “B”. Porém, até mesmo os que disseram que existem essas atividades relatam que com bem menos frequência em relação à escrita e gramática. Como exemplo das atividades orais que praticavam na aula de língua portuguesa está os seminários, apresentação de trabalhos e debates entre alunos e a professora.

Percebemos então que de fato ainda há um certo “privilégio” das demais modalidades da língua, temos como exemplo a escrita e a produção textual. E isso ocorre, sobretudo pela falta de conhecimento e valorização da oralidade como meio de letramento. Sobre isso Marcuschi e Dionísio (2007, p.37) afirmam que a escola deve buscar uma maior valorização da oralidade no contexto do sistema formal de ensino, tendo em vista, sobretudo, a insuperável interdependência entre oralidade e letramento.

Através das respostas e da observação em sala, percebeu-se que os alunos que afirmaram haver atividades com oralidade se “equivocaram” uma vez que quando questionados se havia essas atividades foi perguntado o que era essa oralidade, não lhes era familiar essa palavra. Quando expliquei um pouco sobre a oralidade todos responderam em voz alta que não, depois foram também persuadidos pela professora afirmando que há sim, e que eles debateram sobre texto tal, numa determinada aula.

Além disso, as atividades citadas por eles foi apenas o seminário, que, na maioria das vezes, acontece mais uma oralização que um trabalho com a oralidade propriamente dita. Isso nos leva a inferir que os 14 alunos que responderam ‘*sim*’ no questionário se sentiram intimidados e culpados por responder não, pois foi presenciado alguns dos alunos apagando a resposta ‘*não*’ que haviam colocado e colocando o contrário ‘*sim*’, e também pedindo desculpas à professora e afirmando que gostavam dela, era como se eles a tivessem colocado numa situação difícil. E isso vem se confirmando com a resposta dos 9 alunos que afirmaram não haver o uso da oralidade nas aulas de língua portuguesa, apenas escrita e gramática.

Infelizmente isso traz consequências negativas tanto para a escola, como para os alunos em si. Percebe-se aí que há um certo autoritarismo do professor, que é a personificação da escola, criando uma situação de falta de liberdade, que

compromete o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. A postura da professora revela ainda uma tendência ao mascaramento da precariedade do ensino, pois ela não deveria ter interferido na resposta de cada aluno.

Na segunda pergunta, foi pedido que citassem quais as principais dificuldades enfrentadas por eles nas atividades que envolvem oralidade, caso houvesse. Apenas dois alunos afirmaram não ter dificuldades com gêneros orais, os demais falaram que possuem. Dentre os principais motivos se encontra a vergonha, timidez e o fato de acharem que não sabem se expressar. Dentro dessa perspectiva, nota-se a importância de se trabalhar os gêneros orais em sala, para que de fato o aluno tenha a possibilidade de interagir socialmente dentro e fora do âmbito escolar. Conseguimos abstrair dessas respostas que de fato os alunos não possuem um pleno conhecimento do que seja a oralidade, pois afirmam que “acham que não sabem se expressar”, ou seja, não são trabalhadas com eles essas técnicas e habilidades orais que lhes permitem ser alunos hábeis com a linguagem oral. Trabalhar a oralidade em sala de aula é trabalhar a língua oral culta, e não só a língua escrita culta, trabalhar os tipos e construção de conversações, feirinhas, júri-simulados, a entrevista, os gêneros orais, dentre outras atividades que irão desenvolver essa capacidade no aluno. Vemos aí uma contradição da resposta anterior, daqueles que disseram haver essas atividades.

Logo em seguida foi perguntada qual a opinião do aluno em relação à importância da oralidade na sua formação como cidadão linguisticamente competente. A maioria falou que o uso da oralidade em sala de aula traria mais dinamicidade à aula, tornando-a mais interessante. Outros relataram que a prática com a oralidade os ajudaria no que tange à interação e ao diálogo tanto dentro do ambiente escolar como fora dele, além de os auxiliarem na perda do medo de expor seus pensamentos e opiniões, trabalhar a oralidade é abrir-se ao novo, apontaram.

Apenas um dos alunos disse que não considerava importante trabalhar com a oralidade no processo de ensino/aprendizagem. Vemos aqui que eles estão adquirindo a consciência de que o trabalho com a oralidade traz diversos benefícios tanto em relação a sua vida pessoal na sociedade como na sala de aula como estudante e praticante da língua portuguesa. Já é um bom começo, o despertar para a importância dessa modalidade em sala de aula, que trabalhar o oral culto é dever da escola, e como bem apontado por eles, traz muito mais dinamicidade às aulas de português, que muitas vezes são tachadas de chatas por falarem apenas sobre

regras da modalidade escrita, deixando fora do plano da aula de língua portuguesa as regras que compõe a modalidade oral.

A quarta pergunta questionava se existia um horário fixo dentro das aulas de língua portuguesa para atividades orais. A resposta foi unânime. Até mesmo a professora respondeu que não. É aí que se constata que, de fato, há um descaso com a oralidade. Não se planeja, não inclui. é algo descontextualizado, pois não há a preocupação nem mesmo por parte da gestão da escola para planejar atividades coletivas relacionadas a essa modalidade, de desenvolver essa competência nos alunos, uma triste realidade que se reflete claramente no desenvolver da educação sócio comunicativa do aluno. As aulas de português, como o próprio nome já diz, são para estudar a língua portuguesa, e essa língua se manifesta muito mais na forma oral que na escrita. Sendo assim esse fato da predominância do trabalho com a escrita se explica baseando-se apenas na questão do privilégio social que essa modalidade adquiriu ao longo do tempo. Em relação a isso, Bagno (2001, p.16) escreve:

Ora, em termos de quantidade de pessoas, as línguas sempre foram muito mais faladas do que escritas. Até hoje, em pleno século XXI, milhões e milhões de pessoas nascem, crescem, vivem e morrem sem saber ler nem escrever, mas sabendo perfeitamente falar sua língua materna (e as vezes até mais de uma língua).

Na pergunta de número 5 foi interrogado se eles gostavam da aula de língua portuguesa e que justificassem suas respostas. A turma ficou dividida, 12 alunos disseram que gostavam das aulas de português, 11 disseram que não gostavam. Os que gostavam justificaram que as aulas de português eram muito importantes na sua formação porque era a *'nossa língua'*, era a matéria mais importante porque *'ensinava a escrever e pronunciar as palavras'*. Isso revela que a concepção de língua portuguesa que eles possuem é apenas relacionada à gramática normativa, à leitura e à escrita, de modo que não há espaço para a oralidade nessa concepção observada a partir dessa resposta.

Outros disseram ainda que era *'uma aula divertida e interessante'*. No entanto observamos que a visão que o aluno tem da língua portuguesa como matéria escolar se fundamenta apenas no aprender a ler e escrever. Os que afirmaram que não gostam da disciplina alegaram que as aulas são chatas porque *'escreve muito e*

tem muitas regras'. Mais uma vez vemos que a aula de português se baseia apenas na gramática e na escrita, como já foi aqui salientado.

Isso acontece porque as aulas na maioria das vezes são simplesmente gramática e produção de texto. Isso se confirma com a pergunta seguinte, pois, quando indagados sobre quais conteúdos são vistos nas aulas de língua portuguesa. A maioria foi clara e disse: *'gramática!'* Os que não disseram com a palavra em si, foram citando os conteúdos como: verbos, sufixos, prefixos, oração, substantivos próprios e comuns, sujeito, predicado, frase, período, acentuação, conjunção. Ou seja, gramática. Apontaram que nas aulas de português também estudam interpretação de texto, literatura, redação e variação linguística. Isso revela o que foi afirmado na análise da primeira pergunta, – não há essas atividades – e os que responderam sim foram induzidos a isso por parte da professora. Os que disseram haver atividades orais, agora citam apenas conteúdos gramaticais, podemos assim constatar que não foram verdadeiros em todas as suas respostas.

4.2- ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DA PROFESSORA

A primeira pergunta feita à professora indagava se ela trabalhava com a oralidade em sala de aula. A resposta foi sim, ela disse: *"sim, com leitura e debate com textos de diferentes gêneros"*. No entanto outra postura foi observada, pois logo que entrei em sala, me apresentei aos alunos, expliquei o porquê de estar ali com eles e, quando fui lendo e explicando o questionário, os alunos não hesitaram em logo responder que não.

Fui dando exemplo dos gêneros orais que poderiam ser trabalhados, como as entrevistas, feirinhas, debates, conversação... e só depois disso que a professora se posicionou lembrou aos alunos que eles debatiam os textos que eram lidos. Percebemos também na resposta da professora a comparação de oralidade com oralização. Quando foi questionada sobre quais atividades orais trabalhava, citou a leitura de textos, que é oralização e não oralidade, e apenas a atividade debate.

Apesar de a sua resposta ser *'sim'*, a sua justificativa nos mostra o contrário, pois se a professora desenvolvesse atividades com a oralidade certamente daria diversos exemplos de como isso se dava em sala de aula, e não faria a comparação da oralidade apenas com a oralização de textos que muitas vezes servem para avaliar a leitura dos alunos e nada dentro da perspectiva de desenvolver suas

habilidades orais. Segundo o sociolinguista inglês Michael Stubbs (1986, p. 142 apud MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p.33), o termo oralidade é usado para:

“Referir habilidades na língua falada”. Compreende tanto a produção (a fala como tal) quanto a audição (a compreensão da fala ouvida). Não se ensina a fala no mesmo sentido em que se ensina a escrita, pois a fala é adquirida espontaneamente no contexto familiar, e a escrita é geralmente apreendida em contextos formais de ensino. A escola pode ensinar certos usos da oralidade, como, por exemplo, a melhor maneira de se desempenhar em público, num microfone, numa conferência. Nesse sentido, são bem conhecidas as normas desenvolvidas pela oratória antiga que era cultivada até alguns anos atrás na escola secundária. Nesse caso, sugeria-se um conjunto de habilidades, tais como: clareza, fluência, audibilidade, leveza, inteligibilidade. Esses requisitos e outros na mesma linha têm a ver com um modelo de adequação comunicativa em que há uma relação entre um eu e outro que interagem.

Como vimos na citação acima, à oralidade se refere a língua falada e todas as situações que a envolvem, diferente da oralização, que é apenas o ato de exteriorizar por meio da fala o texto escrito.

A segunda pergunta questionava se ela sabia a importância de trabalhar com a oralidade nas aulas de língua materna. A professora afirmou que é importante, pois dá oportunidade aos alunos de se expressarem, dando sua opinião, seu ponto de vista sobre determinado assunto. Porém em nenhum momento ela citou a importância linguística na formação dos alunos. O uso dos gêneros orais como meio para alcançar a adequação linguística necessária à vida sociocomunicativa dos alunos. Isso mostra que ela ainda não tem uma conscientização em relação à importância da oralidade, pois se de fato tivesse, ela procuraria incluir a oralidade em sua prática dentro da sala de aula.

Quais as principais dificuldades enfrentadas por parte dos alunos em relação às atividades com a oralidade que você costuma observar? Essa foi a terceira pergunta direcionada à professora. Ela respondeu que: *‘são poucos os alunos que participam dando seu ponto de vista e sua opinião’*. Pelas respostas da professora percebemos que a visão de oralidade que ela possui é relacionada apenas à questão de se expressar, do aluno ter vez na aula, o que é algo muito importante, pois o ensino de língua materna deve ser algo interativo, mas em nenhum momento foram relatadas as questões de estrutura da língua falada.

Pela resposta da professora constatamos que nem todos os alunos participam de alguma atividade em que tenha que “falar” como ela diz: *‘nem todos gostam de dar sua opinião’*. Entretanto existem situações em que isso se faz necessário, e uma dessas situações é com certeza a sala de aula, pois o aluno não vai à escola apenas para “receber conhecimentos”, mas para produzir conhecimento, para adquirir novas habilidades em todos os aspectos da língua. Marcuschi e Dionísio (2007, p.128) falam que

A língua oral se constitui num excelente ponto de partida para o desenvolvimento das reflexões sobre a língua, por se tratar de um fenômeno “mais próximo” do educando, e por entreter com a língua escrita interessantes relações [...]. Sem dúvida, a língua escrita, aí incluída a língua literária, continuará a ser o objetivo da escola.

A pergunta seguinte indagou quais as principais dificuldades enfrentadas por ela para trabalhar com oralidade em sala de aula. Ela respondeu que *‘a falta de tempo por parte da matéria, por ser bastante abrangente’*. A disciplina é dividida em aulas de português e de redação, que são professoras diferentes. Vemos aí um claro privilégio da escrita, pois não há um tempo definido para trabalhar com a oralidade como foi confirmado numa outra resposta relacionada a isso. Ela justifica a abrangência da matéria como se oralidade não fosse algo que faz parte da matéria, o que se vê é o total desconhecimento relacionado ao que é a oralidade. Como se fossem mais importantes as produções textuais e a gramática em si. É de suma relevância o que Marcuschi e Dionísio (2007, p.8) escreveram a respeito o valor social da fala e da escrita:

Certamente, todos nós falamos e ouvimos muito mais do que escrevemos ou lemos, mas o peso dessas práticas não é o mesmo sob o ponto de vista dos valores sociais. Contemplar a língua em uso é importante porque pode auxiliar bastante nossas ações no trabalho de desfazer tais equívocos.

A quinta pergunta questiona se na sua formação docente, ela obteve conhecimento referente à relevância da oralidade no ensino/aprendizagem de língua portuguesa para os discentes. Ela falou que sim. Embora não pareça verdade, pois ela não demonstrou nenhum conhecimento em relação a isso e, sua prática pedagógica é bem diferente porque ela não trabalha a oralidade em suas aulas.

Posteriormente, perguntei sobre o fato de haver um horário fixo para trabalhar com atividades orais que, como os alunos, ela admitiu que não existe.

A última pergunta interrogava se ela recebia apoio por parte da gestão da escola para trabalhar com a oralidade. Ela disse que sim, mas o tempo é bastante corrido para trabalhar texto, produção e gramática. Aqui ela nem sequer menciona a oralidade como atividade essencial. Vimos que essa se resume apenas a debates dos textos, talvez a correção das interpretações de textos que trazem os livros. Vimos também uma disparidade na sua resposta, uma vez que, se a gestão apoia, por que não existe o tempo reservado a esse trabalho, como acontece por exemplo com a redação? Porque não há projetos de feirinha, júri simulado e seminários com os conteúdos de literatura? Por que não há um estudo sobre conversação, apresentações em público, enfim, apesar da existência de tantos gêneros orais, não há o trabalho em sala de aula com eles.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho vimos a relevância da oralidade dentro da perspectiva do letramento comunicativo dos falantes de língua materna fundamentada por diversos autores, como Antunes (2003), Marcuschi (1997, 2001, 2007), Travaglia (2009), Sobral (2005), Brasil (2016), Bakhtin (2000), Fishman (1972), Bentes (2010), Camacho (1978) entre outros. A pesquisa possuía como objetivo verificar a existência da oralidade como atividade intrínseca ao ensino de língua portuguesa dentro da sala de aula, quais as atividades utilizadas pela professora e se havia um tempo reservado para trabalhar com a oralidade como há sempre, com a escrita e sobretudo com a gramática.

Podemos constatar pelas análises das próprias respostas dadas pela professora e pelos alunos que, infelizmente, não existe o trabalho com a oralidade na turma na qual aplicamos a pesquisa. E isso se dá por diversos motivos como já citados no trabalho, tais como o descaso para com a língua oral, por considerar que os alunos já chegam à escola sabendo falar, e pelo privilégio que a língua escrita conquistou ao longo do tempo, além é claro, da falta de conhecimento e formação dos professores e da gestão da escola, por não buscar novos conhecimentos para sua prática pedagógica, pois os documentos do ministério da educação estão

sempre ao alcance daqueles que os buscam, como os PCNS e atualmente a BNCC. Eles norteiam a educação em todos os seus níveis e falam da oralidade como foi apresentado anteriormente.

Conseqüentemente os alunos concluem o ensino fundamental com esse *déficit* no que tange à língua portuguesa, e isso possivelmente trará dificuldades no processo de adaptação com a língua oral culta nas diversas situações de interação que a sociedade exige dos seus falantes. Essa competência deveria ter sido uma aquisição na escola, e não se deu talvez porque não sobrava tempo, como justificado pela professora.

Houve contradição entre algumas respostas dadas pela professora e pelos alunos, como por exemplo, quando questionados se haviam atividades orais em sala de aula, a professora respondeu que '*sim*' enquanto alguns alunos afirmaram que não. Embora Marcuschi e Dionísio (2007, p.40) ressaltem que "A oralidade seria uma prática social que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais que vão desde o mais informal ao mais formal e nos mais variados contextos de uso", o que foi observado em sala de aula nos mostra outra realidade, como já foi mostrado ao longo do texto, a gestão a professora não sabem ou não dão a importância necessária ao uso das atividades orais como forma de letramento linguístico.

Vale ressaltar que essa pesquisa não abrange todo o ensino de língua portuguesa, mas apenas da modalidade oral da língua, portanto é necessário que, posteriormente, novas pesquisas mais complexas possam vir a complementar esse trabalho e trazer melhores resultados, como por exemplo, a aplicação da oralidade como um conjunto trivial de leitura/ escrita/ oralidade em todas as escolas, na busca do desenvolvimento linguístico total do aluno.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- Bagno, Marcos, **Português ou brasileiro? : um convite à pesquisa** – São Paulo : Parábola Editorial, 2001
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Estética da Criação Verbal**. Trad. de Maria E. G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BENTES, Anna Christina. **Linguagem oral no espaço escolar: discutindo o lugar das práticas e dos gêneros orais na escola**. Cap. 6. Ministério da /Ensino; v. 19).
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – MEC. Brasília, DF, 2016.

- CAMACHO, R. A **variação linguística**. In: Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o segundo grau. São Paulo, CENP, Secretaria do estado da educação, v. IV, 1978.
- DAROS, Sônia Cristina. P. **Oralidade: uma perspectiva de ensino**. Piracicaba -SP, 2006.
- FONSECA, Irene F.& FONSECA, Joaquim (1977). **Pragmática, linguística e ensino de Português**. Coimbra, Almedina.
- FISHMAN, J. A. **A Sociologia da linguagem**. In: Fonseca, M. S. V. & Neves, M. F. (orgs.) Sociolinguística. Rio de Janeiro, Eldorado, 1972.
- MAGALHÃES, Tânia Guedes & MWNDONÇA, Lucia Furtado C. **Linguística Aplicada das Profissões. O trabalho com a oralidade/variedades linguísticas no ensino de Língua Portuguesa**, VOLUME 16 nº 1 - 2012
- MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ED. São Paulo: Atlas, 2009.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Oralidade e escrita**. Signótica, 1997.
- _____. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____.; DIONÍSIO, A.P. (org) **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SOBRAL, A. Ato, atividade e evento. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: Conceitos chave**. São Paulo: Contexto, 2005
- STUBBS, Michael. Educational Linguistics. Oxford: Basil Blackwell, 1986. Apud MARCUSCHI e DIONÍSIO 2007
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos; **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática** / Luiz Carlos Travaglia. – 13. ed.- São Paulo: cortez, 2009.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos; **Ensino plural**. 4. ed. rev. – São Paulo : cortez, 2009.
- SAUSSURE, F.de. **Curso de linguística geral**. 3. ed. São Paulo, Cultrix, 1981.

APÊNDICE A

Questionário para o (a) professor (a).

- 1- Você trabalha a oralidade em sala de aula? Se sim, quais as atividades trabalhadas?

- 2- Você sabe a importância de trabalhar a oralidade em sala de aula? Cite-as.

- 3- Quais as principais dificuldades enfrentadas por parte dos alunos em relação as atividades com a oralidade que você costuma observar?

- 4- E para você como docente, quais as principais dificuldades enfrentadas para trabalhar com a oralidade?

- 5- Na sua formação docente, você obteve conhecimento referente a relevância da oralidade no ensino/aprendizagem de língua portuguesa para os discentes?

- 6- Existe um horário nas aulas de língua portuguesa destinado ao trabalho com a oralidade? Se sim, como são distribuídas?

- 7- Você recebe apoio por parte da gestão da escola para trabalhar com a oralidade?

APÊNDICE B

Questionário para alunos.

- 1- Existe nas aulas de língua portuguesa, atividades relacionadas à oralidade? Se sim, exemplifique.

- 2- Caso haja essas atividades, quais são suas principais dificuldades em relação a elas?

- 3- Na sua opinião qual a importância dessas atividades com oralidade para a sua formação como cidadão atuante na sociedade e linguisticamente competente?

- 4- Existe um horário fixo e reservado para as atividades de oralidade dentro das aulas de língua portuguesa? Se sim, como são distribuídas?

- 5- Vocês gostam da aula de língua portuguesa? Justifique.

- 6- Quais os principais conteúdos estudados na aula de língua portuguesa?



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
() Monografia
(X) Artigo

Eu, Liliana Jordânia dos Santos Carvalho
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação A oralidade como atividade intrínseca ao ensino de língua portuguesa. de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 14 de março de 2019.

Liliana Jordânia dos Santos Carvalho
Assinatura

Assinatura